

FATOS E NOTAS

A PRIMEIRA VIAGEM DE AMÉRICO VESPÚCIO (*).

A primeira viagem de Américo Vespúcio ocorreu, segundo êle, no ano de 1497. É uma viagem que aclara a história da geografia e explica como se fizeram os primeiros mapas. Presta-se, além disso, à compreensão da política dos Reis Católicos, particularmente a de D. Fernando. Quase todos os estudiosos da obra de Vespúcio aceitaram-na, particularmente após as primeiras críticas feitas por Humboldt e Varnhagen e por seus seguidores, como Fiske, Harris-se e Vignaud. Só há pouco um insigne e minucioso investigador, Alberto Magnaghi, em trabalho apresentado ao XXII Congresso de Americanistas (1), considerou falsificações totais as cartas de Vespúcio ao gonfaloneiro Piero Soderini, e a *Mundus Novus*, em que se firma a glória de Vespúcio. Conseqüente com esta hipótese de trabalho, Magnaghi negou a primeira e a quarta viagem do florentino. Há mil razões para não aceitar esta especulação como tese provada — não demonstrada de maneira alguma — que tornaria inexplicável toda a vida de Vespúcio e insolúveis os problemas fundamentais da história da América e da política de Espanha. No entanto, o argumento, por novo, conquistou escritores como o norte-americano Frederick Pohl (2), o brasileiro Tomás Oscar Marcondes de Souza (3) e o italiano Giuseppe Caraci, professor de geografia (4), os quais seguiram fielmente, como se se tratasse de coisa provada, o que não era mais do que mero ensaio. E apesar de se ter em Florença para corroborar o apóio da doutrina de Gustavo Uzielli, o mais erudito, que nunca pôs em dúvida essas car-

(*) . — Texto espanhol traduzido pela Lic. Sônia Aparecida Siqueira (Nota da Redação).

(1) . — Alberto Magnaghi, *Americo Vespucci*. Nuova edizione. Fratelli Treves di Roma, 1926.

(2) . — Frederick Julius Pohl, *Americo Vespucci, Pilot Major*. Columbia University, New York, 1944.

(3) . — Thomas Oscar Marcondes de Souza, *Amérigo Vespucci e suas viagens*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1949.

(4) . — O professor Caraci publicou vários trabalhos, entre os quais destacamos *I Problemi Vespucciani e i Loro Recente Studiosi*, no Boletim da Sociedade Geográfica de Roma (setembro a dezembro, 1951), *Nuova Luce Sull'Opera e la Figura di Amerigo Vespucci* (*Ibidem*, 1952); *Amerigo Vespucci e un moderno critico argentino* (Revista de História, São Paulo, 1952), *De Lettere di Amerigo Vespucci*, (Nuova Rivista Storica, Roma, 1953), *Americo Vespucci cinquant'anni fa ed oggi*, Suplemento do bi-mestral "L'Universo", 1954.

tas, e a obra de Roberto Levillier (5) que constitui uma contribuição de primeira ordem por quanto fundamenta as viagens de Vespúcio com o mais completo estudo que se fez dos mapas da época, ao celebrar-se o quinto centenário de Américo foram dadas por inexistentes a primeira e a quarta viagens. Um estudo cuidadoso da vida de Américo e da história dos descobrimentos levaram-me a conclusões que em parte quero esclarecer neste artigo, aplicando mais o senso comum que qualquer outro instrumento à interpretação da primeira viagem que a meu modo de ver é o ponto de partida para fixar as relações de Américo Vespúcio com o Novo Mundo.

Américo havia chegado à Espanha, certamente pela segunda vez, em janeiro de 1492. Antes, durante os longos anos de sua gerência para Lorenzo de Pier Francesco de Medici, tinha tido que desenredar as duvidosas operações comerciais efetuadas em Sevilha pelos agentes da casa dos Medici. A posição de Américo neste caso não era a de um simples empregado. Era considerado como da família de Lorenzo, e com razão. Este se havia casado com Semiramide de Appiano, a sobrinha de Simonetta Vespucci, a Bela Simonetta. Semiramide, e todos os Appiano, consideravam aos Vespucci como de sua própria casa. Américo começou a servir a Lorenzo e a Semiramide no próprio ano em que eles se casaram. Passou a ter sob seus cuidados o palácio dêles em Florença, durante as largas estadias do casal em Cafaggiuolo. Convém lembrar que a família de Semiramide provinha das casas mais fortes e antigas de Gênova, — os Spinola, os Fregoso e os Cattaneo — e que ela própria era filha do Senhor de Piombino, Jacoppo de Appiano. E quanto aos Vespucci, sua amizade com os Medici do ramo de Pier Francesco era antiga. Pier Francesco foi íntimo amigo de Bernard Vespucci, e em 1476, sete anos antes do casamento de Semiramide, quando irrompeu a peste em Florença, Américo e seu tio Giorgio Antônio retiraram-se para a vila de Lorenzo de Pier Francesco em Mugello enquanto durou o flagelo.

A casa de Lorenzo de Pier Francesco tinha ganho grande importância econômica nos últimos anos, colocando-se acima da de seu primo, Lorenzo o Magnífico. Assim como o Magnífico era perulário, o outro era calculista. O Magnífico acabou tornando-se devedor de Pier Francesco, coisa que foi amargurando as relações entre os primos até conduzir a uma rivalidade política, que é bem conhecida na história de Florença. O ramo Medici do Magnífico passou a chamar-se dos oligarcas, e o dos filhos de Pier Francesco dos popoanos. Como é sabido, Américo começou a trabalhar para

(5). — Roberto Levillier: *América la bien llamada*, Kraft, Buenos Aires, 1948; *El Nuevo Mundo*, Editorial Nova, Buenos Aires, 1951.

o Magnífico, quando foi a Paris como chanceler da embaixada de Guido Antônio, mas com o casamento de Lorenzo o popolano, e Semiramide, integrou-se na casa popolana.

Começou Américo a servir ao popolano em 1483. Manobrava as coisas familiares como um filho da família, tinha a chave dos cofres, recebia os produtos do campo, intervinha nos negócios do banco. Sua primeira viagem à Espanha foi para averiguar a solvência de Gianetto Berardi, a quem um agente do popolano, Donato Nicolini, havia entregue os negócios que iam mal em mãos de quem até então os tivera a seu cargo (6). Américo pôde verificar que Berardi era pessoa de confiança, e por recomendação sua continuou investido da representação do popolano. Em 1492 Américo faz sua segunda viagem, desta vez emancipado. Mantém relações cordiais com Lorenzo, escreve-lhe sobre seus negócios, mas passa a ser um mercador florentino que se radica em Florença. Trabalha, como é natural, com Gianetto Berardi. Mas dentro das operações gerais de Berardi a agência da casa Medici apresenta um aspecto cada vez menos importante. Nunca nas comissões que a corôa de Castela deu a Berardi é êle mencionado como agente dos Medici. Passava por um dos tantos italianos estabelecidos em Sevilha, que com a expulsão dos judeus tiveram cada vez maiores oportunidades. Era conhecido e estimado na cidade e já há certo tempo pelos reis. Foi um homem de bem, em quem igualmente depositavam sua confiança os sevilhanos e os florentinos. Não está bem esclarecido, mas é interessante, o fato de que alguns eruditos sustentem que foi um Berardi, da mesma família do de Sevilha quem, estando em Portugal, facilitou a Colombo sua correspondência com Toscanelli.

Dentro da casa de Berardi, automaticamente Américo passa a ocupar um lugar destacado. Trazia a experiência comercial que havia adquirido na casa dos Medici, uma cultura humanística formada na melhor escola de Florença, conhecimento das côrtes por sua estadia na embaixada em Paris. Era fino e discreto. Todos lhe tinham confiança. Sua iniciação em Sevilha coincide com um momento em que Berardi necessitava de um conselheiro como êle. Colombo tinha concluído seus acordos com os Reis Católicos e se preparava para a viagem do descobrimento. De acôrdo com os contratos assinados, devia êle contribuir com a metade do custo da armada e não tinha um maravedi. Lembrou-se de tomar emprestado aos italianos. A seus compatriotas os genovêses e ao florentino Berardi. Para convencer a êste teve de pô-lo a par de muitas intimidades que a poucos confiava. Berardi podia formar seu pró-

(6). — Veja-se a correspondência publicada por Masetti-Bencini e Howard Smith, "Rivista delle Biblioteche e degli Archivi", Vols. XIII e XIV. 1903, em *La vita di Amerigo Vespucci a Firenze*.

prio juízo a respeito do que Colombo lhe teria revelado por informes directos que teria tido de alguma viagem anterior, se, como se disse, chegou a sabê-lo em casa de sua mulher, em Portugal. Mas na parte mais segura — que era a opinião de Toscanelli — (de quem Colombo conhecia a carta famosa ao cônego de Lisboa) quem melhor podia opinar era Américo, formado entre os discípulos imediatos do sábio florentino. O fato é que Berardi fêz o empréstimo de 180.000 maravedis a Colombo, e entre os dois, ou entre os três, incluindo Américo, firmou-se a mais íntima amizade.

*

Regressando Colombo da primeira viagem, e detendo-se em Sevilha, deve ter conversado mais longamente com Berardi e com Américo que com qualquer outra pessoa. O fato é que ao sair para a sua segunda viagem deixou Berardi como seu mandatário; êste em tudo agia de acôrdo com Américo. E' bem conhecido o caráter difficil de Colombo. Seus choques constantes com as autoridades espanholas, a situação de luta em que se colocou frente ao bispo Fonseca, suas altercações com os tripulantes. Berardi tinha que servir como intermediário diplomático que suavizasse asperezas e permitisse o andamento natural dos negócios num meio complicado como o de Castela. Espanha tinha, de um lado, menos experiência comercial do que as repúblicas italianas, e de outro, ressaibos medievais que davam excessiva arrogância à nobreza e à igreja.

A gestão administrativa de Colombo na Espanhola foi desastrosa. Tinha êle um gênio aventureiro que o qualificou para a mais atrevida de tôdas as proezas. Mas no trato ligeiro com os homens era canhestro, torpe, às vêzes demasiado humilde, às vêzes demasiado altivo. Seu prestígio pessoal ia a caminho da ruína. Não era fácil organizar colônia em terra desconhecida, entre línguas diferentes, diante de um mundo onde tinha que começar por descobrir até a própria base da alimentação, e o curso misterioso das novas enfermidades. Tinha que apoiar-se na própria terra descoberta, e não confiar sòmente no que trouxessem as naus de Castela. Haveria coisa mais difficil para um genovês que deveria trabalhar com espanhóis, fundar cidades e abrir campos para lavoura, dar calor à colônia, reprimir intrigas, manter a ordem, estimular e conter a um só tempo o desejo de explorar o interior da ilha e o mar em tôrno? As queixas começaram a fluir copiosamente. O mar dos Sargaços transformou-se num oceano de enredos e as frotas em intrigas de contos. Criou-se para Colombo o pior dos ambientes na Espanha. O rei acabou enviando seu dispenseiro Juan Aguado, uma espécie de juiz de sindicância, com uma mensagem sêca e dura, para que se informasse directamente e visse de perto o que era o govêrno de Colombo.

Tanto temeu Colombo que o crucificassem na côrte, que decidiu regressar a Castela, acompanhando a seu próprio juiz. Para seu bem assim o aconselhou o próprio Juan Aguado. Ao desembarcar na Espanha fixou-se, amedrontado num mosteiro, vestindo traje de penitente.

*

Que haviam feito Berardi e Américo, enquanto Colombo andava pelas ilhas? Antes de tudo, administrar as coisas do almirante. Colombo enviou-lhes escravos para que os vendessem de conformidade com sua inclinação de mercador e atendendo ao espírito da época. Mas na mente do rei, que inicialmente viu aquilo com gosto, surgiu logo uma dúvida de consciência. Estaria direito? Colombo não havia aprisionado os cativos em guerra, e a paz não cria direitos tão substanciais quanto a espada. Para fazer-se escravos, tem-se, ademais que dar facadas. Esta dúvida do rei foi fatal. Convertida em sólida barreira, fez com que a conta corrente aberta por Berardi a favor de Colombo não pudesse equilibrar-se (7).

Logo sobreveio algo mais sério. A corôa foi incapaz de conter a ânsia do povo que queria lançar-se à aventura nas terras em que Colombo dizia se achariam ovos de ouro. Por cédula real se abriram as portas do mar a quem quisesse explorar, fixando apenas mínimas salvaguardas. Era um golpe mortal nos privilégios do almirante. Berardi se apressou a buscar uma solução de emergência. Propôs à corôa que fôsse êle quem tomasse a seu cargo o frete de tôdas as naus de que pudesse necessitar a corôa, como um monopólio. Fêz a oferta pelo preço de 3.000 maravedis por tonelada. Competir com isto era impossível. Disse mais: se outro oferecer naus ao mesmo preço, eu abaixo para 2.000. Sempre mil abaixo da melhor oferta. O rei aceitou o negócio (8). Estava plenamente satisfeito com Berardi e com Américo. Haviám-no satisfeito em tudo. Tinham tido a seu cargo a provisão e manutenção das naus, e se haviam mostrado pontuais. Adiantavam dinheiro ao rei para os gastos. Tratou o bispo Fonseca de opor-se a êsse privilégio de Berardi que julgava excessivo, mas o rei apoiou o florentino (9).

Por desgraça, quando todo êste plano estava em seu pleno desenvolvimento, em dezembro de 1495, Berardi adoece e entrega sua alma a Deus. O último balanço que faz de seus negócios é desastroso. Havia pedido dinheiro emprestado a Donato Nicolini, um

(7). — A evolução do pensamento da corôa pode ser seguida através dos documentos: n.ºs LXXXVII (pg. 189); XCII (pg. 193) e XCIX (pg. 199), da "Colección Diplomática" de Martín Hernandez de Navarrete, *Colección de los viajes y descubrimientos*, Madri, 1825, 37.

(8). — Navarrete, *op. cit.*, Doc. LXXXIV.

(9). — *Ibidem*, Doc. XCIX.

velho amigo de Américo, e se Colombo não lhe pagasse o que devia, sua filha ficaria na miséria. Berardi deixa toda esta trama, por vontade testamentária, em mãos de seus íntimos amigos Jerônimo Rufaldo, Américo Vespúcio e Diego de Ocaña (10). Américo teve nessa liquidação papel preponderante e teve de passar vários meses tratando das coisas que o falecido deixara pendentes, tratando de ajudar a sua filha enquanto se aclaravam as contas de Colombo. Após seis meses da morte de Berardi, Colombo volta da segunda viagem. Vinha, como foi dito, com Juan Aguado.

*

Chegava então à altura de um franco temporal a campanha que os povoadores da Espanhola haviam desatado contra Colombo. O almirante sentiu-se complexado por toda a sorte de temores. Não se atrevia a sair do convento. Os reis não se apressaram a convidá-lo para ir à corte, pelo contrário. E' melhor que repouse onde está, diziam (11). Passaram meses antes de recebê-lo. Por muito boa que fôsse sua disposição a favor de Colombo, era-lhes impossível deixar de atender à voz do povo, que se multiplicava para acusar a

“quien no podían tragar por ser de otra nación y porque sojuzgaba mucho en su capitania”.

E' nesse interregno que se prepara a segunda expedição, da qual Américo Vespúcio dá notícias em sua carta a Soderini. A afirmação de Américo é clara:

“Que el rey don Fernando de Castilla, habiendo de mandar quatro naves a descubrir nuevas tierras hacia el occidente fui electo por su Alteza que yo fuese en esa flota para ayudar a descubrir”.

Há dois fatos marcantes nesta informação: primeiro, que não se trata da frota de nenhum explorador particular. Nesse tempo os que queriam fazer-se ao mar custeavam suas frotas e pediam a autorização real. Esta não. Esta é uma expedição direta da corôa, do rei Fernando; segundo: ia-se ajudar a descobrir. Não era frota de refôrço para a colônia, não se ia realizar uma viagem dessas que já começavam a ser de rotina, para levar mercadorias e provisões à Espanhola. Na realidade, ia-se controlar as informações dadas por Colombo. Do mesmo modo que Juan Aguado foi fiscalizar a administração da ilha, agora estas naus iam para compro-

(10). — Duquesa de Berwick y Alba: *Autógrafos de Colon y papeles de America*, pgs. 7 e 9.

(11). — Navarrete, *op. cit.*, Doc. CI.

var se a concepção geográfica de Colombo era correta, para verificar a magnitude e possibilidades de seus descobrimentos. Os reis, em 1492, um pouco pelo espírito de jogadores e entusiasmados pela tomada de Granada tinham começado a correr os riscos da aventura de Colombo, haviam pôsto em suas mãos todo o negócio, sem dar-se conta de seu alcance. Mas a corrente incontida das queixas obrigava a tomada de uma nova atitude, que em seguida determinaria uma nova política. Deixar toda a exploração sabe Deus de que extensão do mundo nas mãos de uma só pessoa era um absurdo.

A circunstância de ter-se escolhido Américo para que fôsse um dos tripulantes das naus da expedição de contrôle é óbvia, ainda que surpreendente por não tratar-se de um navegante. Não pretendia a corôa mostrar-se hostil a Colombo. Os reis estavam justamente nas vésperas de dar ao genovês uma prova mais de sua confiança, renovando-lhe as cédulas que lhe concediam direitos exclusivos para controlar as viagens às ilhas e terras novas. Mas uma prudência elementar obrigava o rei Fernando a estabelecer, amistosamente, um mínimo de contrôle. Até esse dia Américo jamais havia tido experiência de navegação. Quicá tudo o que havia visto de uma nau era o que, como passageiro, pôde observar em sua viagem de Pisa a Sevilha, se chegou a fazê-la por mar. Ele tinha vocação de mareante, havia estudado geografia, havia-se nutrido das teorias de Toscanelli vivendo em Florença com Giorgio Antônio Vespucci, e seus amigos, Poliziano, Ficino, etc., todos discípulos e admiradores do grande matemático e cosmógrafo. Quando as viagens dos portugueses começaram a abrir novos horizontes, Poliziano quis fazer-se cronista dêsses eventos e escreveu nesse sentido ao rei D. Manuel. Então Américo participava de sua tertúlia. Agora as viagens imaginárias iam tornar-se realidade. Ao lado de servir ao rei e de certo modo a Colombo, Vespúcio ia fazer sua aprendizagem de marinheiro. Tão bem o fêz, que já na sua segunda viagem, a de 1499, foi considerado piloto, e de suas observações para fixar a altura por um método jamais antes ensaiado, se deduz que se havia tornado consumado cosmógrafo. Mas êsses triunfos de 1499 jamais poderiam explicar-se sem a experiência da primeira viagem em 1497.

*

A discreção com que a corôa preparou esta viagem explica em parte não terem ficado dela vestígios documentários. Não é um caso único. Da própria segunda viagem, que ninguém discute, os testemunhos documentários são todos puramente tangenciais. Mas como da viagem de 1497 o único relato que existe é o que foi feito por Vespúcio, a razão primordial que se alegou para desconheçê-

la é a de que Vespúcio era um homem que não sabia dizer a verdade. O estudo desapaixonado de sua vida demonstra exatamente o contrário. Mas a hipótese de Vespúcio mentiroso foi aproveitada pela maior parte dos historiadores espanhóis, e por muitos de outros países, primeiro um pouco vacilantes e apoiando-se nas palavras do Pe. Bartolomé de las Casas (12) — que neste caso constituem caso claro de difamação gratuita — e logo, com um pouco mais de segurança, aproveitando os juízos de don Martín Fernández de Navarrete, de cujo fundamento falaremos logo.

Aquêles que estão familiarizados com a história da Espanha na época, sabem que em nada foram tão zelosos os reis, em nada se afilou tanto o engenho dos ministros das Índias, em nenhuma outra coisa foi tão constante e profusa a legislação e a atividade administrativa como na sindicância sôbre os funcionários nas Índias. Disto não escapou nem o mais alto. Rodear tôda a empresa do descobrimento e da colonização destas garantias visou-se como coisa primordial.

Poderia escapar Colombo a esta circunstância? A história e a literatura de todos os países têm sido implacáveis condenando a Espanha pelas medidas ditadas para fiscalizá-lo. Desde o século XVI isto foi tema de poesias e obras de teatro. A verdade é que, de igual maneira, o bispo Fonseca na Espanha e Bobadilla na Espanhola não vacilaram em sujeitar o genovês à lei mais severa, até o extremo de lhe haverem pôsto em cadeias. Na Espanhola houve o temor, desde o primeiro momento, de que de repente entrasse em negociações com a república de Gênova para enganar Castela. O passado de seu nome era nebuloso, e aparecia demasiado na história mais recente, vinculado a uma família de corsários que a serviço do rei de França fêz estragos no Atlântico e no Mediterrâneo. Isto era público em Aragão, e nos arquivos de Veneza e Florença se encontram abundantes referências a êstes fatos. E por cima de tudo, Colombo era genovês e não castelhano. E se sua capacidade de governante nunca estêve à altura de sua genialidade como descobridor, assim mesmo como descobridor não podia considerar-se infalível. Comprometia sua doutrina a própria qualidade ou defeito que o propulsou no salto à immortalidade: a obstinação. Tinha prejulgamentos que do mesmo modo que serviam para engrandecê-lo, serviam para

(12). — Primeiro diz Las Casas: "Y es bien considerar aquí la injusticia ya agravio que aquel Américo Vespucio parece haber hecho al almirante, o los que imprimieron sus quatro navegaciones, atribuyendo a si o no nombrando sino a si solo, el descubrimiento desta tierra firme" (T. II pg. 268 de su *Historia de Indias*). Até aqui Las Casas não faz mais do que lançar a suspeita de uma exploração, mas logo, dominado já por sua obseção, diz: "Maravíllome yo de don Hernando Colón, hijo del mismo almirante, que siendo persona de muy buen ingenio y prudencia, y teniendo en su poder las mismas navegaciones del Américo, como lo se yo, no advirtió en este hurto y usurpación que Américo Vespucio hizo a su padre" (*Ibidem*, pg. 396).

destruí-lo. Aferrava-se a certas teorias que resultaram inexatas, mas das quais pretendia a exatidão quanto a seu uso. A viagem de Américo por exemplo, provou um dêstes equívocos. Colombo havia feito pilotos e marinheiros jurar que tinham chegado ao continente asiático, quando desembarcaram em Cuba (13). A viagem de 1497 apontou Cuba como uma ilha. Poderiam os reis — apesar de Colombo lhes ter servido para abrir o caminho mais famoso que até então conhecia a geografia do mundo — depender dêle cegamente para tudo o mais?

*

Este simples fatos que se deduzem naturalmente do estudo prevenido dos documentos, da consideração do que Américo estava fazendo em Sevilha, foram esquecidos sob a influência dos escritos de um dos mais insignes eruditos espanhóis: don Martín Fernández de Navarrete (14). Sua argumentação se baseia em documentos fingidos a que aludiu em sua famosa coleção de Viagens do Descobrimento. Diz êle que Américo mal teria podido sair para ultramar em 1497, quando se encontrava atarefado em despachar as frotas e atender aos negócios de Berardi que haviam sido interrompidos com sua morte. Alude aos documentos achados por Juan Bautista Muñoz nos arquivos da Espanha, que segundo Navarrete provavam haver estado Américo em Sevilha em 1497-1498 (15). As duas afirmações são inexatas. A casa de Berardi se extinguiu com sua morte em 1495. Para terminar os preparativos das frotas que estavam já se processando, Américo não esteve compromissado mais do que seis meses. Outros assuntos estavam pendentes: a dívida de Colombo, pagamentos de gente — como certo cavalheiro inglês — a quem Berardi havia adiantado dinheiro, etc. Alguns dêstes negócios não deixaram de emaranhar-se por anos, como acontece com tôda a sucessão testamentária, e ainda é importante anotar o fato de que Américo houvesse tido que constituir como seu mandatário a Fernando Cerezo, o irmão de sua mulher, para que fizesse

(13). — “Información y testimonio de cómo el Almirante fue a reconocer la isla de Cuba quedando persuadido de que era tierra firme”, em Navarrete. *Op. cit.*, Doc. LXXVI. Pietro Martyr de Angleria escrevia de Burgos ao cardeal Belarmino de Carvajal aos 5 de outubro de 1496: “Del Nuevo Mundo nuestro almirante Colón ha traído muchas sartas de perlas orientales... Piensa que estas regiones son continuas y adherentes a Cuba, de modo que las unas y las otras sean el propio continente de la India Gangética”.

(14). — “Sería posible — se pregunta Navarrete — que un monarca tan prudente y circunspecto (o rei Fernando) fiasse el mando de una expedición de tanta consecuencia a un aventurero que todavía no tenía carta de naturaleza en estos reinos?” (*Viajes*, Tomo III, pg. 336). Navarrete incorre no erro de apresentar Vespúcio como chefe da expedição, coisa que não foi dita nem por Vespúcio nem por ninguém, e não se dá conta de que Colombo, em 1492 quando se pôs à frente da expedição descobridora era mais estrangeiro e desconhecido na Espanha do que Vespúcio em 1497.

(15). — Navarrete, *op. cit.*, T. III, pg. 322.

essas cobranças. Mas não existe constatação de um só assentamento entre os que Muñoz descobriu em Sevilha, que prove que Américo houvesse aí estado durante o tempo que êle fixa em sua carta a Soderini como de sua primeira viagem. Neste ponto Navarrete não disse a verdade. Não disse a verdade quando afirmou que Vesúcio estava aprontando uma frota para a terceira viagem de Colombo: isso não consta de nenhum documento. Pode tê-lo afirmado por êrro, mas levantou assim uma dificuldade quase insuperável para que Humboldt pudesse esclarecer a viagem de Américo (16). HARRISSE, que verificou as bases documentais correspondentes para fiscalizar Navarrete, é peremptório ao declarar que não existe um só comprovante da estadia de Américo em Sevilha nesse tempo (17). Todavia, para maior certeza, Roberto Levillier estêve em Sevilha em 1954 fazendo um novo confrônto dos papéis de Muñoz, e subcreveu o testemunho de HARRISSE (18).

*

O próprio roteiro da viagem não se pode estabelecer com certeza. São escassos e duvidosos os dados sôbre coordenadas geográficas.

- (16). — Humboldt, em sua *Geographie du Nouveau Continent*, T. IV, pg. 296, diz dando crédito a Navarrete: "La falsedad de la fecha de partida dada por Vespucci — 10 o 20 de mayo de 1497 — queda demonstrada como una coartada... La preparación de la expedición de Colón para Haití y Parías... ocupa a Vespucci en Sevilla y en Sanlúcar, desde abril-mayo de 1497 hasta la partida de Colón el 30 de mayo de 1498". No entanto, em 1926 Magnaghi se equívoca ainda mais quando diz: (*Amerigo Vespucci*, pg. 124): "Si las naves contratadas en 1495 no iba a servir a la tercera expedición de Colón, en todo caso estaban destinadas a él como naves de refuerzo y socorro".
- (17). — Eis as palavras de HARRISSE: "What Vespucci did in connection with the expedition was simply to supervise its fitting out, from April until November 1495 and to apply on account of the Berardi estate certain expenses relating to the same, which were reimbursed to him by the State Treasury, January 12th. 1496. After the latter date, Vespucci's name disappears entirely from the Spanish or other documents, and does not recur before February 5th., 1505. There is not a shadow of proof, consequently, that Vespucci was at Seville, or even in Spain, from 1496 until after 1498, and there is nothing whatever to show that the accounts of his first voyage". (*Americus Vesputius*, pg. 13). Diante de tão categórica afirmação, que põe por terra toda a tese de Navarrete, não se explica como Magnaghi imprimiu em seu livro estas palavras (pg. 129): "Sicché le conclusioni del Vignaud che "HARRISSE a esaminé les pièces qui prouveraient cet alibi, et il a montré qu'elles ne prouvaient rien: il a cherché s'il existait d'autres plus explicites à cet égard et il ne les a trouvés", sono alquanto esagerate, perchè HARRISSE non ha trovato nulla contro l'alibi rin-tracciato da Humboldt".
- (18). — Levillier em *La fama de Amerigo Vespucci en su V centenario*, pg. 40: "Magnaghi combatió... sosteniendo que HARRISSE no vió el libro que Muñoz descubrió, y que en consecuencia sólo podía declarar que la versión de Navarrete quedaba indocumentada: esto no sería prueba de que Vespuccio estuvo ausente de España entre 1497 y 1498. Efectivamente el fracaso del alibi invocado no bastaba para garantir que Vespuccio hubiese estado fuera de España, pero ese testimonio lo ofrece la Lettera. No cayó el autor en ella, pues entonces le correspondería a él hacer la prueba de la presencia del nauta en España entre 1497-1498. Eso hubiera sido decisivo. Al carecer de toda evidencia sus afirmaciones resultan huecas. Podemos certificarlo con más seguridad después de larga compulsión personal de los documentos de "Contratación en el Archivo de Indias, en Junio de este año".

ficas dados por Américo, e estão sujeitos à margem de êrro de sua própria inexperiência e de não ter ido como piloto. Além disso êle escreveu a carta a Soderini em 1504, quer dizer sete anos depois de uma viagem da qual não é provável que tivesse tomado e conservasse apontamentos muito precisos. Admiram-se alguns críticos de que houvesse passado entre as Antilhas menores sem sequer olhá-las, mas não notam que o visado era chegar o mais depressa possível ao Ocidente. Já Colombo falava de Terra Firme, lá onde tinham que chegar. Colombo trouxe a nova do continente asiático, tomando Cuba por parte continental. A expedição em que Américo foi “ayudando a descobrir” achou-a muitos graus mais para o Ocidente, tocando no que é hoje a costa da América Central. Se o ponto em que tocaram primeiro corresponde à costa de Honduras ou à Costa Rica, é coisa que os exegetas da carta ainda discutem. Logo, costeando, fizeram o contôrno da península de Yucatán, do golfo do México, da península da Flórida. As opiniões dos críticos não são concordes sobre o que se seguiu, pois uns creem que chegaram até o cabo de Hatteras, outros que até a baía Cheseapeake. Por muitos anos ninguém fêz um percurso tão extenso, apesar dêste que relata Vesúcio não ter sido de penetração.

Um testemunho irrecusável vem mostrar a veracidade dêste primeiro percurso das costas do continente, da pré-exploração do golfo do México, da aproximação da América do Norte, que além do mais serviu para mostrar a insularidade de Cuba: o testemunho dos mapas contemporâneos. Com tudo o que haja neles de contraditório e vago já dão conta de um mundo cujo contôrno exato só se veio a presenciar muitos anos depois. Tem-se que levar em conta que a exploração da Flórida por Ponce de León ocorreu 15 anos depois da viagem de Vesúcio, e que o reconhecimento da península de Yucatán por Hernández de Córdoba e da costa que leva a Veracruz no golfo de Grijalva tem lugar após 20 anos. Mas entre estas datas e o ano de 1497, em que não se registra nenhuma outra expedição, estão os mapas de Juan de la Cosa (1500), Canério, (1502), Cantino (1502), Waldseemüller (1507), Ruysch (1508), Angleria (1511) e Tolomeo (1513). Nestes mapas, uns vacilam quanto o ser a Flórida ilha ou península, Cantino não se atreve a dar a costa da América Central, de la Cosa inclina absurdamente para o Oriente a costa da América do Norte que se havia explorado sob a bandeira inglesa. Mas acima de todos êstes erros, contradições, ou vacilações, sobre a insuficiência dos dados, brilha algo que Colombo não havia visto quando acreditou ser Cuba a ponta mais avançada da Ásia. Esse algo é a pegada dessa viagem preliminar que fizeram as naus do rei Fernando em que a sorte quis andasse Américo Vesúcio.

Se nos dados precisos das coordenadas geográficas Vespúcio dá ocasião a dúvidas, se não figuram batismos de populações, se o nome Lariab que êle dá à província do México se converte num problema filológico interminável pela semelhança que esta palavra tem com Pária, em compensação, as informações de caráter puramente humano, o que hoje se diria *folklore* e antropologia, são riquíssimas. Mas tem-se de levar em conta que elas foram apresentadas em uma carta a Soderini datada de 1504, e é possível que reflitam não apenas suas observações de 7 anos antes, mas a experiência das três viagens posteriores, das leituras que teria feito, de outras viagens, dos relatos complementares de outros nautas. E' fácil que repita descrições, que incorra em lugares comuns, que faça pinturas que recordem muito de perto às de outros exploradores ou cronistas. Magnaghi, por exemplo, anota que quando Vespúcio diz na carta a Soderini terem navegado diretamente para as ilhas Afortunadas ao sair da Espanha, ilhs que agora se chamam de Grande Canária, e que marcavam o fim do Ocidente costumeiro perto do terceiro clima, repetia o que havia dito a Lorenzo, o popolano, na carta *Mundus Novus*. Quando escreveu a Soderini que depois de haver feito as provisões se ajoelharam a orar, repete o que se encontra na carta de 18 de julho de 1500 dirigida ao Medici. Fala de gente de pele avermelhada como a pele do leão, como o havia feito no *Mundus Novus*. Diz que os índios não conheciam o ferro, como já o havia observado na carta ao Medici, descoberta por Bartolozzi; que os índios faziam aos viajantes o obséquio de suas mulheres e filhas, como se lê nas viagens de Marco Polo. A descrição das cartas recorda a mesma que se vê em Michele de Cuneo, etc. Creio que nestas confrontações que ocupam páginas no livro de Magnaghi êle se perdeu. As repetições em que deve incorrer um autor são às vezes infinitas, e quanto aos papéis do descobrimento, em termos gerais pode-se afirmar que de um autor para outro as coisas que surgem totalmente novas são sempre muito escassas. Se fôsse legítimo êste método para declarar apócrifas as cartas de Américo, como o pretende Magnaghi, aplicado ao resto dos papéis do descobrimento, das cartas de Colombo para baixo não haveria nenhuma que ficasse em pé. Isto não implica em que as cartas de Américo não tivessem sofrido muitas alterações através das cópias, traduções e impressões em muitas línguas. Isso é possível. Quase certo. Mas a trama fundamental não há dúvida de que foi obra sua.

Acima dessas falhas, comuns a todos, ressalta, sem embargo, em Américo algo novo, quase único, que produz na Europa uma revolução. Os grupos de sábios e os impressores se entusiasмам. Os desenhistas de mapas tiram de seus relatos inspiração para fa-

zer desenhos alusivos aos costumes dos indígenas para decorar as novas cartas. Fazem-se as primeiras gravuras sôbre os canibais. Vespúcio teve o que hoje se chama senso jornalístico, era um correspondente viajante insuperável, há em seu estilo graça de bom romancista. Isso havia adquirido de sua formação em Florença. Deve ter lido muitas das cartas que se trocavam Benedetto Dei e Piero Vespucci — o sôgro de Simonetta — que constituem um tesouro de antecipação jornalística. E não lhe era desconhecida a literatura que vai de Boccaccio a Lorenzo o Magnífico. Magnaghi rejeita indignado a idéia de ter sido frei Giocondo da Verona o tradutor da carta a Soderini, pelas indecências que nela se dizem sôbre os costumes dos índios (19). Na realidade, o que poderia haver de indecente, não era a notícia, senão o costume. Vespúcio fêz-se simplesmente naturalista. E quanto o ter sido Giocondo o tradutor, não foi nenhuma invenção: disse-o o editor da carta, estando vivo Giocondo, e Giocondo mesmo anotou-a no texto da tradução. Pode ser deplorável — a Magnaghi escandaliza — que o Renascimento fôsse um estilo de vida menos vestido, mais a nú, que o nosso estilo de hoje. Mas é difícil agora tratar de cubri-lo. Um bispo tão erudito como Pietro Martir de Angleria deixou sôbre o mesmo tema de Américo descrições não menos impúdicas.

Mas há nas cartas de Américo algo que as enobrece e lhes dá um fundo poético. Pode haver nisto uma reminiscência de Poliziano. A intimidade em que viveram o poeta e Giorgio Antônio Vespúcio, intimidade da qual Américo participou, o explica. Valeria a pena estudar até onde há vestígios das estâncias da Gios-tra que descrevem o paraíso nas ilhas em que Américo pinta paradisíacamente as terras do Brasil na mesma carta a Soderini. Américo trazia sempre Dante à flor dos lábios, e tinha um inflamado amor às estrêlas.

*

A viagem de Américo possivelmente melhorou a posição de Colombo na côrte. Resultava que não só era certo ter-se chegado à terra firme — apesar de Colombo já o ter afirmado antes calcado na falsa hipótese de Cuba continental — senão que o mundo por explorar era vastíssimo. Ademais já o próprio Colombo por sua vez havia tocado de verdade em terra firme na costa da Venezuela (em sua terceira viagem, 1498).

(19). — “Fra Giovanni del Giocondo fu una persona di vita e costumi esemplari. Como si sarebbe prestado, già vecchio nel 1504 (1433-1515), a descrivere tanti e così lubrici particolari a proposito di certi costumi di salvagi, per sodisfare il gusto grossolano degli amatori di racconti di viaggi?” Magnaghi, *op. cit.*, pg. 27.

De outro lado, os dados que trouxeram os exploradores de 1497 — pelo menos no que se refere a América, e Américo era um homem cuja opinião era tida sempre em maior consideração pelos negociantes e pelos da côrte, — eram dados que não encorajavam a fazer uma conquista imediata. Américo jamais descreveu mundos cheios, empedrados de ouro. Nisto era mais cauto, mais realista que ninguém. Atinha-se à crua exatidão do que viam seus olhos e tocavam suas mãos. O que êle pintava das costas do México e Yucatán tinha atração humana, era mais antropologia que outra coisa. Havia visto rêdes e havia gozado dormindo nelas a sesta. Havia gozado mulheres que encontrara fáceis, sensuais e atrativas. Chamaram-lhe a atenção as nadadoras. Estando convencido em 1497 de que andava pelas costas da Ásia, não deixaria de surpreender-se achando-as tão primitivas e desnudas. Como teria podido ver Marco Polo o que declarava no *Il Milione*?

No entanto impõe-se aqui uma interrogação. No fim de tudo, essa gente que foi com Américo percorreu mais costas continentais que ninguém até então. Por que se passaram 20 anos sem que conquistador algum intentasse explorar o interior? A razão parece simples. O descobrimento das pérolas na região de Cubágua, de Margarita, por Colombo (1498), mudou de repente o merediano da curiosidade. Pérola e Oriente, e Oriente e riquezas eram uma mesma coisa. Logo veio Verágua, e sôbre tôdas estas coisas, essa literatura bíblica de Colombo, com um fundo de ouro que às vêzes era verdadeiro. Tão exato é êsse fato que deslocava numa direção ou outra o rumo das explorações, que depois da exploração de Hernando de Soto todo o norte do gôlfo do México no que é hoje o sul dos Estados Unidos, ficou fora da órbita das conquistas espanholas, e a conquista do México se atrazou para 1519.

Em síntese, Américo e seus companheiros prestaram um discreto serviço ao rei Fernando e a Colombo. E quanto ao próprio Américo, fêz seu primeiro curso de mareante; applicou-se como nenhum outro ao estudo prático de governar as naus e ler o céu pela noite. E veio a ser o relator literário da viagem. Por circunstância puramente accidental de que jamais se vangloriou, e de que não fala em sua carta, tocou terra firme antes de Colombo e antes das naus inglêsas de Caboto. Mais ainda: Colombo quando morreu não havia conhecido sequer uma mínima parte da costa continental do novo mundo, comparada a que viu Américo sômente em sua primeira viagem. Isto nada tem a ver com a glória do Almirante, que é definitiva e pura pelo simples fato de ter aberto o caminho do mar. Eu disse, e repito-o aqui, que se foi bem dado o nome de Américo ao continente, a rigor, o Atlântico deveria chamar-se, por indisputável direito, mar de Colombo. A verdade é que Américo não tocou essa

terra firme como capitão de exploradores, nem sequer como piloto de uma nau, mas sim como um dos que iam “ayudar a descubrir”. Estas são as grandezas e as limitações de sua primeira viagem.

*

Das quatro viagens mais conhecidas em que Américo tomou parte, os únicos relatos que ficaram foram os seus. Não é de se estranhar. São muitíssimas as viagens semelhantes das quais não ficaram quaisquer relatos. No caso de Américo, para que sobrevivessem reuniram-se duas circunstâncias afortunadas. Primeira sua natural disposição de escritor. Segunda, a rotina de sua família, que sempre foi fiel ao costume de escrever aos Medici acêrca de tudo o que viam ou observavam: por mais de um século haviam feito sempre assim — não iriam deixar de fazer neste caso. O que mais surpreende, revistando-se os arquivos dos Medici é não se encontrar centenas de cartas de Américo, como se encontra de outros membros da sua família.

Quanto às hesitações que fizeram duvidar da autenticidade das cartas ou da veracidade das informações — dúvidas que não foram tão encarniçadamente vistas ao se tratar de outros documentos semelhantes, — duas são as circunstâncias que as estimularam. Primeira: seu êxito. Segunda: a afirmação feita pelo Pe. Las Casas de que Américo havia diligenciado com argúcia o batismo do novo mundo para roubar para si a glória de Colombo.

O êxito das cartas de Américo se explica. Recordemos que já em Roma se havia publicado desde 1493 a carta em que Colombo noticiava seu descobrimento. Essa carta não abalou o mundo. Ou não o abalou no mesmo grau que a carta do *Mundus Novus* ou a dirigida a Soderini, as duas pedras fundamentais da fama de Américo. E' natural: Colombo com tôda sua fantasia, na realidade anunciava a chegada a umas pobres ilhas que reduziam a idéia asiática deixada por Marco Polo, e que não coincidiam com a experiência dos navegantes que conheciam os mercados do Oriente, suas grandes cidades, suas formidáveis riquezas. Além disso ocorre um fato circunstancial. A questão litigiosa de fixar os limites entre as possíveis explorações dos portugueses e dos castelhanos foi súbitamente levada ao papa pelo rei Fernando. O papa Bórgia devia traçar o meridiano ideal. Isto pode ter feito com que a carta de Colombo fôsse por muitos tomada como um papel destinado a ilustrar o litígio, e indubitavelmente a isso visava sua publicação. Isto lhe garantia ressonância universal. Além do que a rota aberta em seguida por Vasco da Gama deixou entrever uma possível linha de comunicações melhor do que a explorada por Colombo. Para entender melhor estas coisas deve-se ter em mente que o mundo ainda estava

a uma distância não sonhada da revelação de grandes tesouros que foram a conquista do México (1519-1522) e a do Perú por Pizarro (1531). De outro lado, os barcos de Cabral, que chegaram da Índia em 1502 trouxeram para Portugal um formidável carregamento de riquezas.

Américo, diferentemente de Colombo, embora isso nos surpreenda hoje, deu a mais sensacional das notícias, que mudou a face da ciência, na sua carta *Mundus Novus*: não era exato que as terras descobertas fôsem um prolongamento da Ásia: tratava-se de um novo continente. Com isso a geografia desembocava na notícia mais surpreendente. Que a terra era esférica, se presentia. Que houvesse outro mundo, não. Este êxito, que de um lado pôs o nome de Américo nos lábios de todo o mundo europeu, de outro despertou recônditos sentimentos de amargura. Logo veio o batismo do Novo Mundo, — Novo Mundo foi o nome proposto por Américo — e ficou América — como o quiseram os cônegos da pequena cidade de Saint Dié nos Vosges. De repente, os seguidores na Espanha da doutrina asiática de Colombo, empenhados sempre em que se chamasse o Novo Mundo “Índias Ocidentais”, viram que haviam sido injustos com Colombo, e já sem poder modificar as coisas, derramaram seu fel sôbre a sombra de Vespúvio. Tal foi o caso do bispo Las Casas.

Las Casas jamais soube como se havia resolvido o batismo da América. Hoje isto é demasiadamente sabido. Mas, diante do mistério da invenção, sem o mais leve fundamento, gratuitamente, o dominicano não vacilou em dizer: Américo foi o ladrão. Disse-o com estas palavras, destacou que o havia feito para roubar a glória de Colombo, e de passagem coroou de ignomínia os Reis Católicos que durante anos, depois do batismo da América foram entregando a Vespúcio todos os segredos do mar, e dando-lhe o lugar de maior confiança do reino, que era o de piloto-mor.

Ninguém pode negar os méritos do bispo Las Casas, méritos insignes, e o papel decisivo que desempenhou para obter uma política mais benévola da corôa em favor dos índios. Mas era homem de muito falar, precipitado em seus julgamentos, demasiado fluído na pena e ciumento da glória de Colombo a extremos que não se permite a um historiador. Suas palavras abriram caminho. E desde então põe-se em dúvida tudo o que traz a assinatura de Américo.

E' curioso que contra a afirmação de Las Casas e para confusão sua, se levantasse a estima que sempre tiveram por Américo, Cristóvão Colombo e seus filhos. Colombo antes de morrer, numa de suas últimas cartas, já quase de valor testamentário, faz um fervoroso elogio de Américo a seu filho Diego, e apresenta-o como pessoa de grandes méritos, mal conhecidos, que sempre lhe foi útil e fiel. E Hernando Colombo, ao escrever a vida de seu pai, tendo co-

mo tinha em sua biblioteca o livrinho das quatro viagens de Américo, não teve uma só palavra de reserva para desconceituá-lo. Las Casas tomou isso como negligência de mau filho, e fustiga-o nas páginas de sua história.

*

Calcados na autoridade de Las Casas, seguiram suas pegadas e copiaram suas palavras os historiadores da Espanha, começando por D. Antônio de Herrera. Em seguida veio a afirmação de Navarrete que fêz periclitár toda a investigação de Humboldt sobre a vida de Vespúcio, obrigando-o a formular a tese do alibi. Por último, quando já tudo se ia aclarando, veio a obra de Magnaghi.

Magnaghi negando a autenticidade do *Mundus Novus* e a carta de Soderini, diz que não se devem considerar como verdadeiros documentos senão as cartas que permaneceram inéditas nos arquivos de Florença por três ou mais séculos. Rejeita a carta de Soderini apesar dela aparecer no mesmo códice de Vaglianti junto a outras: nesse ponto aquêl contemporâneo de Américo teria sido apanhado em sua boa fé. Vista cruamente essa tese, resulta que as duas cartas em que se apoiava a glória de Vespúcio e que foram publicadas enquanto êle vivia são falsas, e as que não se conheceram são as únicas verdadeiras. A idéia parece absurda, mas êle acolhe-a com o calor de um convencido e faz uma das obras mais engenhosas dêstes tempos.

Falando da primeira viagem, não mais cingindo-se às cartas, mas sim à lógica histórica, parece-lhe absurdo porque

“Colón del 14 de junio de 1496 el 30 de mayo de 1498 estaba en España en la cima de su gloria y su prestigio, y gozaba del mayor crédito lo mismo en la corte que en las ciudades comerciales”... (20).

A evidência prova exatamente o contrário. Em junho chegou Colombo a Cádiz e se recolheu assustadiço e complexado ao convento. Os reis não o receberam senão em fins de outubro ou princípios de novembro. Seu próprio filho relata que na côrte burlavam-se dêle por ser filho do Almirante. Além do mais, para conseguir tripulantes para a terceira viagem teve o rei que ditar aquela célebre cédula em que se comutava a pena aos criminosos que estavam no cárcere por assassinatos ou assaltos, se se aventurassem a acompanhar Colombo e fôsem ao Novo Mundo.

Diz Magnaghi que a 23-4-1497 se renovavam os privilégios de Colombo e a 2 de junho se renovava a licença geral que se lhe

havia dado para descobrir (21). Estas duas datas em vez de robustecer o argumento de Magnaghi destroem-no. Para Colombo se retardou por muitos meses a solicitação de revalidar a licença geral para ir descobrir, e se lha concedeu somente depois que Américo havia zarpado com a expedição de contrôle de 10 de maio de 1497, eliminando-se, assim, toda a possível objeção da parte de Colombo.

Por último insiste Magnaghi num ponto em que costumam se deter os historiadores: por que no processo dos herdeiros de Colombo contra o fisco, em que se recolheram todas as vozes maliciosas que pudessem ser desfavoráveis ao descobrimento de Colombo, jamais se disse qualquer coisa do descobrimento de Vespúcio? (22). A razão é muito simples. O que estava em litígio nesse pleito era propriamente a Terra de Veraguas, e os descobrimentos feitos por Colombo num segmento preciso de terra firme. Reduziam-se ao que tocou da Venezuela e o que conseguiu explorar do Panamá até Costa Rica. Não tinha isso nada a ver com o Yucatán nem com o golfo do México. Basta ler detidamente uma a uma as perguntas do fiscal a que deviam restringir-se as respostas das testemunhas para perceber os limites do pleito. A única expedição a que se refere o interrogatório que vai um pouco para o norte é a de Solís e Yañez Pinzón, porque partiram eles do que poderíamos chamar a fronteira da terra reclamada por Colombo, por seus herdeiros. A expedição de 1497 foi uma expedição própria do rei, uma expedição que deveria chamar-se de D. Fernando. Não havia capitão que fôsse reclamar como seu o descobrimento. Mas o fundamental é destacar-se o caráter de pesquisa, de verificação, de contrôle que resulta de uma análise das circunstâncias em que se fez a viagem de 1497. Esse caráter se confirma logo com a segunda expedição de Hojeda e Vespúcio à costa da Venezuela, como foi assinalado, e, ao meu ver, demonstrado pela insigne biógrafa de Balboa, Kathleen Romoli (23).

*

Magnaghi propõe em seguida um problema mais intrincado. Partindo do ponto básico de que as cartas foram uma falsificação, pergunta-se: por que teria havido esse interesse em forjar o documento? Qual a razão que levou os amigos florentinos de Américo a inventar-lhe quatro viagens, se na realidade haviam sido somente duas? E responde:

“... soprattutto la ragione poté essere... l'intenzione cioè di esaltare un fiorentino, mostrando che questi

(21). — *Ibidem*.

(22). — *Ibidem*.

(23). — Kathleen Romoli: *Hojeda el hombre de confianza de los reyes católicos?* “Revista de América”, Bogotá, Abril, 1954.

aveva compiuto lo stesso numero di viaggi di Colombo” (pg. 81); “... fra i motivi che possono aver spinto un falsario a foggare la Lettera può asservi stato quello di volver fare del Vespucci un emulo di Colombo” (pg. 50); “in mancanza di altri motivi che possano spiegarci l’origine di questa pseudo-lettera del Vespucci, mi sembra non sia troppo arrischiata l’ipotesi che un fiorentino abbia voluto contrapporre ai 4 viaggi del grande genovese, i 4 viaggi del suo connazionale” (pg. 83); “la divisione della Lettera in quattro viaggi... e l’inistenza con cui si rimanda al diario completo delle quattro giornate, sono pure elementi sospetti, e fanno pensare, anziché al Vespucci, ad un fiorentino che siasi proposto ingenuamente di esaltare la figura del suo connazionale per metterlo alla pari con Grande Genovese, anch’esso autore di quattro viaggi trasatlantici...” (pg. 103).

A arbitrariedade dessas hipóteses salta aos olhos. Quando Vespúcio escreveu de Lisboa sua carta das quatro viagens, a 10 de setembro de 1504, Colombo não havia regressado da quarta viagem (regressou a 10 de novembro de 1504). Magnaghi resolveu que tudo era obra de um falsificador de Florença, e na Itália o que se sabia de Colombo era unicamente que havia feito três viagens. Precisamente em 1504 se imprimiu em Veneza o

“Libretto de tutta la navigatione de re de Spagna, de le isole et terreni novamente trovati”,

e nele se fala das três viagens de Colombo, como o reconhece em algum lugar o próprio Magnaghi. A data da carta de Vespúcio além de ser a que êle dá — por que depois de tudo temos de acreditá-lo — é também explicada, como toda a carta, por outras circunstâncias. Sempre Vespúcio havia escrito a seu amigo de sempre, Lorenzo de Pier Francesco de Medici, que havia sido uma espécie de pai para êle, e que acabava de morrer. Vespúcio estava um pouco desorientado sem saber se ficaria em Portugal após uma viagem tão infrutífera como para êle tinha sido a quarta, ou se regressaria a Espanha (de fato, em poucos meses já estava em Sevilha); sabia do interesse que haviam despertado em sua terra as cartas anteriores e tinha novas informações a dar. A quem escrever? Um amigo que nesses dias sai para Florença, Benvenuto Benvenuti, insta para que êle o faça dirigindo-se ao novo ganfaloneiro Piero Soderini. Êle representava nesses momentos, em que os Medici estavam fora do governo, o que êles haviam sido em outros tempos. Ademais, havia sido discípulo de Américo. Nada mais natural do que dirigir-se a êle. Mas, como tudo de suas viagens anteriores tinha sido destinado a Lorenzo, o popolano, tinha nessa ocasião que fazer um resumo de suas quatro viagens. Obcecava-o há já

muito tempo a idéia de fazer um livrinho de suas “Quatro Jornadas”. Esta carta seria como que uma condensação.

*

Há também na hipótese de Magnaghi algo também apresentado por alguns críticos de Américo: a suposta rivalidade entre Colombo e Américo. Isto carece de fundamento histórico. A rivalidade surgiu *post-mortem*. Jamais existiu nem entre eles, nem entre os que poderiam tomar seus partidos nos dias em que êle viveram. Falar dessa rivalidade em 1504 é trasladar um problema histórico posterior para a época em que se escreveram e publicaram as cartas. Em 1504 nem na Espanha, nem na Europa se haviam formado essas duas escolas ou partidos de Colombianos e Vespucianos que converteram o problema dos descobrimentos numa partida de equipes de futebol. A meu ver se apresenta demasiadamente enfiada uma possível competência entre florentinos e genovêses que pudesse levar os florentinos invejosos a inventar um Vespúcio que eclipsasse a Colombo.

*

Boa parte da correspondência de Américo se perdeu, como se perderam papéis fundamentais de Colombo e de quase todas as personagens da época. Mas os que se salvaram são suficientes para fixar-se os fatos salientes de sua vida. E’ certo ter-se perdido a carta a Lorenzo, o popolano, sobre a primeira viagem. Mas além do amplo relato que êle faz na carta a Soderini, há três cartas mais em que Américo faz alusão direta a suas duas viagens para o rei de Castela, afora as muitas passagens em que fala de sua idéia das quatro jornadas. Em primeiro lugar, no final da *Mundus Novus*, que foi escrita em fins de 1502 ou princípios de 1503, e que foi publicada no mesmo 1503, diz Américo:

“Io penso ancore que, fare zorni, iiii”.

Quer dizer: que tinha feito três viagens e se preparava para fazer a quarta. Em seguida vem a carta de Lisboa de 1502, em que falando a Lorenzo di Pier Francesco de Medici sobre sua primeira viagem sob a bandeira do rei de Portugal lhe diz que faz o relato

“come sempre ho fatto degli altri mia viaggi”.

E por último, na carta cujo fragmento foi descoberto em 1937 pelo professor Roberto Ridolfi, e que foi publicada nesse mesmo ano, diz ao correspondente, que eu suponho possa ter sido um dos amigos de Giorgio Antônio Vespucci:

“...quando fui a discoprire per i rre di Castiglia, il secondo viggiaio”...



O fato mais destacado que serve para mostrar os serviços que como navegante, cosmógrafo e descobridor havia prestado Américo à corôa, está na nomeação que lhe fêz o rei Fernando, em março de 1508, a fim de pô-lo como piloto-mor à frente da escola de pilotos, pôsto em que permaneceu até sua morte em 1512. Com isto foram postos em suas mãos todos os segredos da marinha castelhana nos dias cruciais do descobrimento. Américo graduava pilotos, tinha o contrôlle dos mapas, expedia as únicas cartas de navegação autorizadas pela corôa. A êle deviam todos os navegantes dar conta de todos seus descobrimentos. Jamais até então se havia dado semelhante poder a alguém, nem em outra pessoa depositada tal confiança. Américo foi naturalizado cidadão de Castela. Não voltou a escrever cartas a seus amigos de Florença, e se fêz nessa época outra viagem ao novo mundo, dela não ficou senão prova incidental. Não se poderia explicar que don Fernando tivesse pôsto em suas mãos uma tal autoridade se seus serviços para Castela estivessem reduzidos a uma participação secundária na expedição de Hojeda (segunda viagem). Nem ter-se-ia conseguido dos pilotos castelhanos o reconhecimento de semelhante autoridade de um florentino. A realidade que se impõe do estudo dêstes fatos é a de que uma boa experiência sob a autoridade do rei de Castela deu-lhe o crédito que implicava sua condição de piloto-mor. O ponto inicial desta experiência foi a viagem de 1497.

GERMÁN ARCINIEGAS